

A GUERRA FRIA E A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA NORTE-AMERICANA PARA A AMÉRICA LATINA

Arthur Victor Gonçalves Gomes de Barros*

Introdução

O presente artigo procura realizar algumas considerações a respeito da Guerra Fria e seu reflexo no continente latino-americano nos primeiros anos da década de 1960. Para isto realizo uma discursão a respeito das origens do conflito entre as duas potências vencedoras da Segunda Grande Guerra, Estados Unidos e União Soviética, que a partir do ano de 1947 vão rompendo suas relações diplomáticas e assim concretizando um conflito que perdura até o ano de 1991, com a dissolução do Estado Soviético.

Em um segundo momento procuro descrever os reflexos políticos da guerra no Continente Americano quando os Estados Unidos adotam uma série de medidas preventivas para garantir a segurança da região. Assim este país empenha esforços numa luta anticomunista, seja intervindo militarmente ou derrubando governos democraticamente eleitos através de sua guerra encoberta, ou seja, as *Covert Action*, postas em prática através do seu serviço secreto a Agência Central de Inteligência (CIA). Ainda neste ponto demonstro como era as relações diplomáticas entre os Estados Unidos e seus vizinhos no período anterior a Revolução Cubana, divisor de águas da política assistencialista norte-americana para o continente.

Os Estados Unidos tomou para si a responsabilidade de torna-se o grande protetor do mundo livre capitalista, ou seja, onde houvesse situações que ameaçasse as liberdades democráticas de um determinado estado o governo de Washington sentia-se no dever de intervir enviando ajuda para combater as ameaças externas. Assim este país no período da guerra fria empenhou campanhas militares em quase todos os pontos do planeta.

Em um terceiro ponto abordo como a Guatemala se tornou um exemplo das manobras militares norte-americanas inclusive de suas ações encobertas onde tiveram papel fundamental na deposição do presidente Jacobo Arbenz. Este país se tornou o marco inicial da luta anticomunista no continente durante a guerra fria, onde servira de exemplos para os demais

* Aluno do mestrado do Programa de Pós-graduação em História pela linha de pesquisa Relações de Poder, Sociedade e Ambiente da Universidade Federal de Pernambuco. O mesmo é bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE).

países que pisassem fora da faixa da política ideológica norte-americana. Neste mesmo ponto demonstro como a Revolução Cubana se tornou ponto crucial das relações entre os Estados Unidos e seus vizinhos latinos. O medo de uma nova revolução no continente alertou o governo de Washington para novas políticas assistencialistas. É nesse momento que os norte-americanos elaboram um programa de ajuda financeira denominado de Aliança para o Progresso. O programa serviria de instrumento para conter os avanços do comunismo na América Latina; injetando dinheiro nos países parceiros, os Estados Unidos pretendiam erradicar os problemas que fomentava o descontentamento, um ótimo provocador de rebelião social.

Assim, para garantir sua hegemonia no continente e exercer o controle imperial sobre os países latinos, os EUA não excluiriam a intervenção militar direta: “quando outros métodos falharam e quando estabelecimentos militares-satélites não conseguiam defender os governos-satélites, os Estados Unidos mandaram suas próprias forças¹”. Apoiando golpes militares e promovendo o armamento de esquadrões da morte, os Estados Unidos não mediam esforços em financiar os governos latinos que lutavam contra as ameaças alienígenas² de uma conspiração comunista internacional.

As origens da Guerra Fria

Segundo o historiador inglês Eric Hobsbawm a história que se seguiu entre os anos pós-tomos ao lançamento das bombas atômicas e o fim da União Soviética (URSS) em 1991 foram reunidos sob “um padrão único pela situação internacional peculiar que o dominou até a queda da URSS: o constante confronto das duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial na chamada Guerra Fria³”. Com o fim da Segunda Guerra na Europa após a rendição da Alemanha em maio de 1945 o Velho Mundo estava dividido entre duas grande zonas militares de influência: no leste as tropas do Exército Vermelho havia empenhado todas suas forças para empurrar de volta os alemães para Berlim. A marcha vitoriosa resultou na

¹ LENS, Sidney. *A fabricação do império americano - da Revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p.27.

² Quando o presidente John Kennedy anuncia em 13 de março de 1961 a Aliança para o Progresso este se refere as ameaças do comunismo soviético de “forças alienígenas que mais uma vez procuram impor o despotismo do velho mundo ao novo mundo. Ver: KENNEDY, John F. *Pensamento e ação do presidente Kennedy*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1962.

³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)*. 2ª Edição, 52ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p.223.

libertação de um grande número de países da Europa Oriental e Central que estavam sob o controle dos nazistas. A presença das tropas soviéticas nesses territórios permitem que o seu país tenha grande influência no pós-guerra, ou seja, a URSS sai do conflito como uma potência militar mundial. Do lado oeste os Estados Unidos (EUA) e seus aliados franceses e britânicos haviam libertado a França, Holanda e chegado a Berlim tempos depois que as tropas soviéticas já haviam tomado a capital dos últimos indultos da resistência do Exército alemão.

Antes do fim do conflito os países aliados realizaram uma série de conferências para definir as políticas do pós-guerra. Essas incluíam debates sobre as zonas de influências militares que ficariam sobre responsabilidade de cada exército, além dos planos econômicos elaborados pelos Estados Unidos que consagrariam sua hegemonia como potência mundial ao fim do conflito. Assim em meados de 1941, o grupo privado norte-americano *Council Of Foreign Relations* (CFR), criado em 1921 por setores empresariais, intelectuais e políticos interessados com a posição dos EUA nas relações internacionais⁴, organizou o *Estudo sobre os interesses norte-americanos na guerra e na paz: 1939-1945*. De acordo com o historiador Luis Fernando Ayerbe os resultados obtidos pelo grupo apresentavam “os objetivos imediatos do confronto com os países do ‘eixo’ e, ao mesmo tempo, adiantavam-se algumas diretrizes daquilo que se projetava como a nova ordem do pós-guerra, na qual os Estados Unidos deviam assumir o papel de potência hegemônica⁵”. Em julho de 1941 o Conselho apresenta os resultados do estudo demonstrando os objetivos que a política norte-americana deveria adotar no futuro pós-guerra. O memorando entregue ao presidente Franklin Delano Roosevelt⁶ continha recomendações de:

“Um intenso trabalho de remodelação da Europa e outras regiões de capital importância para os Estados Unidos, listando ainda algumas questões que deveriam ser focalizadas em profundidade – entre elas, a criação de instituições financeiras internacionais para estabilizar as moedas e de instituições bancárias internacionais para facilitar investimentos e o desenvolvimento de áreas subdesenvolvidas⁷”

Em 1944 os Aliados se reuniram na Conferência de Bretton Woods com o objetivo de definir os novos parâmetros para o mundo do pós-guerra. Os Estados Unidos tomariam a

⁴ AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: A construção da hegemonia*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 67.

⁵ Idem.

⁶ Franklin Delano foi presidente dos Estados Unidos entre 1933 e 1945 onde cumpriu quatro mandatos e morreu durante o último.

⁷ AYERBE, Luis Fernando. Op. Cit. p. 67.

liderança desse novo modelo e a partir da reunião decidiram pela criação de duas instituições financeiras: o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD-Banco Mundial) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Através desses organismos os EUA desenvolveriam sua hegemonia no mundo sem precisar recorrer a intervenções militares, a não ser que fosse necessário:

“A decisão estratégica fundamental adotada pelos Estados Unidos foi preferir criar um sistema de organismos internacionais para, por meio deles, promover e manter sua hegemonia e expandir seus ideais, em vez de procurar fazê-lo diretamente, o que implicaria elevadíssimos custos e o frequente uso de força militar⁸”

Os planos econômicos elaborado pelos norte-americanos procuravam além de impor sua influência sob os países europeus – arrasados pelo conflito – evitar uma nova depressão econômica, como havia ocorrido em finais da década de 1920: “Na verdade, os planos do governo americano para o pós-guerra se preocupava muito mais em impedir uma nova Grande Depressão do que em evitar outra guerra⁹”. A ajuda americana do pós-guerra seria de vital importância para os países europeus, principalmente aqueles em que a guerra destruiu praticamente toda sua economia, como é o caso da Alemanha. Mas, os planos americanos estendia-se para além duma análise de prever uma crise econômica. A precariedade que encontrava a Europa do pós-guerra seria propícia para um possível levante de movimentos apoiados nos partidos comunistas locais que se aproveitariam da presença do Exército Vermelho para buscar apoio em prováveis insurreições. Assim uma nova ordem sob o controle soviético seria possível na Europa, conforme descreve o historiador francês René Rémond:

“Antes que o processo chegasse ao fim (neste caso a II Guerra) [...] a Europa Ocidental e os Estados Unidos começaram a alarmar-se, receosos de que a Rússia pusesse as mãos em toda a Europa: na época, a Europa se achava totalmente incapaz de defender-se contra uma agressão externa. Ela também tinha medo da subversão no interior: os partidos comunistas eram poderosos. Controlando as forças sindicais, estavam em condições de deflagrar greves gerais e paralisar a economia. Não é vão o receio de vê-los provocar, do interior, a subversão das instituições e juntar-se ao bloco soviético¹⁰”

Eric Hobsbawm parece corroborar com René Rémond quando descreve que o Governo de Washington estava preocupado com o pós-guerra ao afirmar que os países beligerantes “havam se tornado um campo de ruínas habitado pelo que pareciam aos

⁸ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Brasil-Estados Unidos: a rivalidade emergente (1950-1988)*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 12.

⁹ HOBBSAWM, Eric. Op. Cit. p. 228.

¹⁰ RÉMOND, René. *O Século XX: De 1914 aos nossos dias*. 11ª Edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2004. p. 147.

americanos povos famintos, desesperados e provavelmente propensos a radicalização¹¹”. Embora as tropas soviéticas naquele momento controlasse uma boa parte da Europa era muito pouco provável que a União Soviética lançasse uma campanha militar para estender seus domínios na Europa, como descreve o historiador inglês:

“Em qualquer avaliação racional, a URSS não apresentava perigo imediato para quem estivesse fora do alcance das forças de ocupação do Exército Vermelho. Saíra da guerra em ruínas, exaurida e exausta, com a economia de tempo de paz em frangalhos, com o governo desconfiado de uma população que, em grande parte fora da Grande Rússia, mostrara uma nítida e compreensível falta de compromisso com o regime¹²”

Essas especulações do perigo soviético e de uma provável conspiração comunista mundial faziam parte de um esquema para justificar intervenções militares norte-americanas onde as liberdades capitalistas fossem ameaçadas. Os Estados Unidos naquele momento havia tomado para si o papel de guardiões da democracia do chamado mundo livre, atuando como verdadeiros policiais ideológicos do Hemisfério Ocidental. A partir do ano de 1947¹³, quando as relações entre as duas superpotências vão se esvaindo e sendo agravadas principalmente pela chamada Doutrina Trumam que prometia “apoiar os povos livres que resistem a tentativas de subjugação por minorias armadas ou por pressões de fora¹⁴”, é que a bipolarização do mundo torna-se concreta. Neste mesmo ano os EUA decidem manter suas tropas no Velho Continente promovendo o rearmamento das mesmas e suspendendo a desmobilização de seus exércitos de ocupação. Com isto os norte-americanos que até a Segunda Guerra Mundial havia adotado uma política de neutralidade aos problemas europeus, usando de sua força militar apenas quando “necessário”, ao tomar a decisão em manter seus soldados na Europa é a fim de “garantir a segurança da sua parte ocidental, e significar que não deixarão estourar um terceiro conflito sem que dele participem desde o princípio¹⁵”.

O anticomunismo torna-se a palavra de ordem defendida pelos norte-americanos para conter o avanço soviéticos em outras partes da Europa, ou até mesmo nos demais continentes. Nos EUA crescem o número de políticos que defendem a caça aos comunistas tendo o seu maior ícone na política adotada pelo senador Joseph McCarthy e a chamada Caça

¹¹ HOBBSAWM, Eric. Op. Cit. p. 228.

¹² Ibidem. p. 230.

¹³ René Rémond coloca que o ano de 1947 foi de rompimento com as instituições comunistas ao redor do mundo. É nesse mesmo ano que vários países do chamado mundo livre rompem relações diplomáticas com a União Soviética e estes mesmo países colocam os Partidos Comunistas na ilegalidade.

¹⁴ Ibidem. p. 226.

¹⁵ RÉMOND, René. Op. Cit. p. 150.

as Bruxas. Outros órgãos do governo norte-americano como o Departamento Federal de Investigações (FBI), chefiado pelo burocrata J. Edgar Hoover atuaram de forma ferrenha para eliminar a ameaça interna do comunismo nos Estados Unidos. Essa prática de conter o avanço vermelho no mundo encontrava apoio na população daquele país, pois segundo Eric Hobsbawm o anticomunismo era “genuína e visceralmente popular num país construído sobre o individualismo e a empresa privada, e onde a própria nação se definia em termos exclusivamente ideológicos (‘americanismo’) que podiam na prática conceituar-se como polo oposto ao comunismo¹⁶”.

Assim sobre a premissa que seus cidadãos pagavam seus impostos em dia era dever do governo combater esse “mal” que ameaçava as liberdades individuais e o mundo livre, recorrendo, caso fosse necessário ao uso de armas nucleares. Entretanto, em meados do ano de 1949 a União Soviética testa com sucesso a detonação de sua primeira bomba atômica, construída graças as habilidades de sua rede de espionagem montada nos EUA sobre os auspícios do famoso casal Rosenberg¹⁷. Se a hegemonia norte-americana possuía uma liderança graças ao seu arsenal atômico, agora os soviéticos podiam fazer frente ao imperialismo estadunidense. Assim restavam aos dois países duas alternativas: um conflito direto que resultaria no suicídio da civilização ou transferir suas querelas para outras partes do globo, como demonstra Luis Fernando Ayerbe:

“A possibilidade de utilização de armas atômicas, disponíveis em ambos os lados a partir de 1949, confere a esse cenário características inéditas: o confronto militar entre os dois sistemas pode levar à destruição do mundo. Isso elimina a perspectiva de guerra total como fator de resolução de disputas pela supremacia mundial, obrigando a uma convivência que descentraliza os conflitos para pontos estratégicos em diversas partes do planeta¹⁸”

Portanto, essas duas potências vão encontrar no chamado Terceiro Mundo um fértil campo de lutas ideológicas, onde poderão exercer suas influências políticas e econômicas sem que, em teoria, entrassem em confronto direto¹⁹.

¹⁶ HOBBSAWM, Eric. Op. Cit. p. 232.

¹⁷ Ethel e Julius Rosenberg foram militantes do Partido Comunista dos Estados Unidos que se tornaram famosos após serem condenados a morte e executados na cadeira elétrica, e diga-se de passagem foram condenados sem que o tribunal apontasse provas concretas de sua participação em uma rede de espionagem, por supostamente chefiarem uma rede de agentes responsáveis por “roubar” os planos do Projeto Manhattan, o programa de desenvolvimento de armas nucleares norte-americano.

¹⁸ AYERBE, Luis Fernando. Op. Cit. p. 64-65.

¹⁹ Naquele momento várias lutas anti-imperialistas estavam acontecendo no mundo. Um grande exemplo são as lutas de independência na África e na Ásia. Concentro a pesquisa apenas na América Latina.

A Guerra Fria na América Latina

Durante a Segunda Guerra Mundial os países da América Latina tiveram um crescimento econômico derivado das importações de matéria-prima para os países aliados empenhados no combate na Europa. Pressionados pelos Estados Unidos muitas nações latinas colaboraram com o esforço de guerra enviando tropas, como foi o caso da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Em troca, os norte-americanos investiram timidamente na industrialização desses países²⁰. Ao final do conflito esperava-se que essa política de ajuda norte-americana continuasse, mas, os Estados Unidos estavam preocupados em reerguer a economia europeia e naquele momento a América Latina não seria prioridade.

A política norte-americana para os países da América Latina é de profundo desinteresse no início dos anos 50. Apesar da contribuição de alguns países latinos nos esforços da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos procurava manter uma relação de interesses econômicos específicos e recorriam a intervenções militares no continente quando algum problema ameaçava sua soberania. Segundo Robert Kennedy, procurador geral dos Estados Unidos no governo de seu irmão John F. Kennedy²¹, seu país havia no passado agido como,

“Protetores da estabilidade do Hemisfério, intervindo militarmente em nações latino-americanas vinte e uma vezes só no período de 1898 a 1924; e muito frequente nossa grande força foi usada, não para colaborar com a liberdade e com as aspirações dos povos latino-americanos, mas, em nome da estabilidade, para proteger nossos interesses econômicos de curto prazo²²”

Henry Kissinger, Secretário de Estado do governo de Richard Nixon²³ afirmou em 1969 numa conversa com o chanceler chileno Gabriel Valdés que “nada importante pode vir do Sul. A história nunca foi feita no Sul. [...] O que acontece no Sul não tem nenhuma importância²⁴”. Do mesmo modo afirmava o então Secretário de Estado do governo Eisenhower²⁵, John Foster Dulles que na América Latina “Os Estados Unidos não tem amigos,

²⁰ No Brasil, por exemplo, financiaram a construção do complexo industrial da Siderúrgica de Volta Redonda.

²¹ John Fitzgerald Kennedy foi presidente dos Estados Unidos entre 1961-63.

²² KENNEDY, Robert. *O desafio da América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1968. p. 21.

²³ Richard Milhous Nixon foi presidente dos Estados Unidos entre 1969-1974.

²⁴ FICO, Carlos. *O Grande Irmão. Da Operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 20.

²⁵ Dwight David "Ike" Eisenhower foi Presidente dos Estados Unidos entre 1953-1961.

tem interesses²⁶”. Esses exemplos demonstram como a política estadunidense não pautava em sua agenda os problemas relacionados a continente. O historiador Carlos Fico comenta que as relações entre os países era de “sugestões e conselhos baseados no receituário de internacionalização da economia mundial²⁷”. O pós-guerra trouxe mais oportunidades econômicas aos países ocidentais da Europa ajudados pela política de recuperação econômica denominada de Plano Marshall²⁸ do que para os países da América em si. O próprio Secretário de Estado por muitas vezes protagonizou lastimáveis episódios com os embaixadores dos países latinos. A citação abaixo demonstra como secretário interagiu com os embaixadores latinos:

“Foster Dulles convocava os Embaixadores latino-americanos não para discutir e sim para comunicar as decisões que o Departamento de Estado tomava em nome do Continente. Entrava na sala da Conferência, não apertava a mão de ninguém, transmitia aos diplomatas a sua resolução e saía da mesma forma, sem ouvir qualquer opinião e apenas fazendo um aceno com a cabeça²⁹”

Quando não intervinham no continente por interesses, os Estados Unidos aplicavam formulas prontas para um continente diversificado³⁰, transformando os países latinos em uma espécie de rebanho sem vontade ou autonomia. Essa política de abnegação resultou em um crescente sentimento de antiamericanismo espalhado pelo continente, experimentada na prática pelo então vice-presidente do governo Dwight Eisenhower, Richard Nixon, quando realizou uma viagem pela América do Sul no ano de 1958. Ao visitar à Argentina para acompanhar a posse do presidente eleito Arturo Frondizi sua chegada ao país provocou uma serie de distúrbios: “Ele recebeu apupos (e até mesmo cusparadas) por onde passou³¹”. Em Lima, capital do Peru “não conseguiu sequer atravessar as portas da Universidade de São Marcos, barrado pelos próprios estudantes, que consideraram sua presença indesejável³²”. Mas foi na Venezuela que se viu numa encruzilhada quando os motins provocados por estudantes e operários daquele país fizeram com que os Estados Unidos enviasse tropas de assalto aerotransportadas (paraquedistas) para realizar a escolta do vice-presidente. Esses eventos demonstram como a

²⁶ BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de história)*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 383.

²⁷ FICO, Carlos. Op. Cit. p. 20.

²⁸ Plano econômico elaborado pelo general George Marshall em 1947, tinha como objetivo financiar a reconstrução da Europa por meio de ajuda econômica dos Estados Unidos.

²⁹ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Op. Cit. p. 377-378.

³⁰ Por ser um vasto continente as porções central e sul continham suas próprias instituições políticas, história, níveis de renda, educação, densidade demográfica, taxas diferenciadas de natalidade e mortalidade e modos de viver. Ressaltamos que muitos países da América Latina possuem vários costumes em um mesmo território.

³¹ Idem.

³² Idem.

imagem dos norte-americanos estava bastante desgastada no continente, acentuada pela política de baixa assistência econômica que este país prestava aos seus vizinhos.

O crescimento deste sentimento antiamericano no hemisfério alertaram o governo de Washington para uma possível introdução do comunismo no continente. Segundo o marxista peruano José Carlos Mariátegui quando a “ameaça de perder o monopólio da terra e da água, e com ele o meio de dispor livremente da população de trabalhadores, enlouquece essas pessoas, levando-as a uma atitude que o governo, ainda que vinculado a muitos de seus elementos, qualifica de subversiva ou antigovernistas³³”. Foi através do medo de perder sua hegemonia no continente latino-americano que os Estados Unidos passaram a voltar suas atenções para esta parte do mundo. O crescente antiamericanismo era tido como preocupante e as políticas nacionalistas de muitos outros países era tidas como perigosas.

Para proteger a América das ameaças externas foram formulados alguns tratados de ajuda militar. No ano de 1947, que como já dito anteriormente assinala o rompimento dos países ocidentais com instituições de influência soviética, é firmado na Conferência Interamericana sobre a Defesa do Continente o “Tratado de Assistência Recíproca, no Rio de Janeiro, quando a América Latina compromete-se oficialmente com a guerra fria³⁴”. No ano seguinte reunidos na capital colombiana de Bogotá é criada a Organização dos Estados Americanos (OEA), outra instituição que os Estados Unidos poderia exercer sua hegemonia sem recorrer a intervenções militares direta.

Embora a ameaça externa fosse um tanto distante da realidade latina os norte-americanos financiavam a venda de armamentos para o continente através do Programa de Ajuda Militar, colocando ênfase na “defesa submarina e no patrulhamento aéreo e marítimo dessas regiões, destinando os recursos ao fornecimento de barcos, aviões de reconhecimento e treinamento para operações anti-submarinas³⁵”. O programa visava apenas manter a dependência dos países latinos em relação aos Estados Unidos, que em troca do fornecimento

³³ MARIÁTEGUI, José Carlos. *A revolução socialista latino-americana*. In LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999. p. 118.

³⁴ PACHECO, Larissa Penelu Bitencourt. *O Projeto Colúmbia e os estudos de Rollie Poppino no interior da Bahia*. In. COELHO, Eurelino. PENELU, Larissa. *Lutas Sociais, intelectuais e poder: Problemas de História Social*. Feira de Santana: Editora da UEFS, 2012. p.249.

³⁵ AYERBE, Luis Fernando. Op. Cit. p.82-83.

de armas a “América Latina deveria comprometer-se com a defesa do continente contra ataques extracontinentais³⁶”.

Esse tipo de ajuda não tinha tanta importância, isto porque nada impediria que a União Soviética lançasse seus mísseis nucleares na América. Foi durante o governo de Dwight Eisenhower que a ajuda militar norte-americana passou a priorizar o treinamento das forças policiais e os exércitos para combater o inimigo interno, mesmo que este significasse derrubar um governo democraticamente eleito.

O exemplo da Guatemala e Cuba e a política de combate ao comunismo no Continente

Sem dúvida uma das principais táticas utilizadas pelos norte-americanos durante o período da guerra fria foi a arma da guerra secreta. Quando se davam as intervenções militares normalmente elas serviam para “promover a democracia, conter a expansão do comunismo, preservar a liberdade, salvar vidas, eliminar armas de destruição em massa³⁷”, assim através de um grande esforço propagandístico a opinião pública era manipulada a acreditar no papel dos Estados Unidos em proteger os países menos favorecidos da conspiração comunista mundial. Porém, quando a política norte-americana não podia ser justificada em nome da democracia, ou seja, por envolver a derrubada de governos democraticamente eleitos, “a intervenção militar era secreta, mantida longe do conhecimento do público americano através do que um comitê do Senado chamou, em 1975, de ação encoberta³⁸”. As chamadas *Covert Actions* eram elaboradas e executadas pelos agentes da recém formada Agência Central de Inteligência (CIA)³⁹, que baseados em análises das práticas políticas de alguns países elaboravam memorandos para o Conselho de Segurança Nacional norte-americano a fim que este órgão, ligado ao Departamento de Estado, de Defesa e a Presidência, tomasse as devidas providências. Não era do interesse do governo que essas ações chegasse até a opinião pública devido aos métodos empregados pelos agentes para derrubar governos que não seguiam as regras impostas por Washington. A partir

³⁶ FICO, Carlos. Op. Cit. p.22.

³⁷ LENS, Sidney. Op. Cit. p.11.

³⁸ Ibidem. p.12.

³⁹ A CIA foi criada em 1947 quando a Lei de Segurança Nacional estabelecia novas regras de segurança para os Estados Unidos.

de agora passo a descrever como os Estados Unidos se comportaram diante dos exemplos da Guatemala e Cuba.

Em 1952 o governo do presidente Jacobo Arbenz anunciou uma série de reformas para a Guatemala, dentre elas na questão agrária. Essas reformas como sempre não agradavam aos Estados Unidos, que viam essas práticas uma influência do comunismo. A situação se agravou quando as propriedades pertencentes a United Fruit Company (UFCO) foram anunciadas como parte da reforma. A partir deste momento toda uma operação é montada para derrubar o presidente Jacobo Arbenz utilizando a justificativa que o mesmo estava com intenções de implantar o comunismo no seu país:

“Sob o argumento do combate à crescente infiltração comunista no governo Arbenz e os perigos que isso representava para a estabilidade na região, os mais variados instrumentos, legais e ilegais, oficiais e não-oficiais, serão utilizados pelo governo norte-americano: a denúncia nos fóruns internacionais (ONU E OEA) da intervenção do comunismo internacional da América Latina pela Guatemala, campanhas nos meios de comunicação, no parlamento e na opinião pública dos Estados Unidos , e a criação de um ‘exército de libertação’ formado por mercenários nacionais e estrangeiros com base em Honduras e Nicarágua⁴⁰”

Já em agosto de 1953 os Estados Unidos através do presidente Dwight Eisenhower aprova o plano elaborado pela CIA para derrubar o presidente Jacobo Arbenz. Se nos bastidores a operação já estava sendo elaborada⁴¹, restava aos EUA legitimar sua intervenção junto aos países da comunidade latina através da OEA:

“Em março de 1954, na X Conferência Pan-Americana realizada na Venezuela, a delegação dos Estados Unidos, presidida por Foster Dulles, propõe resolução declarando que ‘a dominação ou controle das instituições políticas de qualquer Estado americano por parte do movimento comunista internacional... constituiria uma ameaça⁴²”

Com a aprovação da OEA em 18 de junho de 1954 uma ação coordenada entre as tropas do coronel Carlos Castillo Armas – líder fabricado pelos Estados Unidos para liderar as tropas anti-Arbenz – e aviões norte-americanos iniciam a invasão da Guatemala. Embora as tropas regulares do governo estivesse oferecendo ampla resistência contra os golpistas, os oficiais do exército negava o pedido do presidente Jacobo Arbenz de armar a população, o que

⁴⁰ AYERBE, Luis Fernando. Op. Cit. p.103-104.

⁴¹ Foi montado um exército de aproximadamente 200 homens entre exilados e mercenários. Para o comando desse movimento foi escolhido o coronel Carlos Castillo Armas, exilado em Honduras após um golpe contra o presidente Jacobo Arbenz em 1950.

⁴² AYERBE, Luis Fernando. Op. Cit. p.110.

levou a este em 27 de junho anunciar sua renúncia, evitando assim mais derramamento de sangue.

Segundo o Luis Fernando Ayerbe não haveria motivos para declarar que a Guatemala estava sendo alvo a conspiração mundial comunista. Primeiro porque a União Soviética até aquele momento não possuía representações nos pequenos países da América Central. Segundo, nas eleições que deram a vitória a Jacobo Arbenz “o Partido Guatemalteco do Trabalho, nome do partido comunista, obteve quatro cadeiras no parlamento, de um total de 56⁴³”. Não há outra justificativa a não ser por causa da reforma agrária anunciada pelo presidente, principalmente quando as terras pertenciam a uma indústria norte-americana.

A operação desencadeada na Guatemala serviria de exemplo para qualquer outra nação do continente que ousasse jogar fora do tabuleiro político imposto pelos Estados Unidos. Essas práticas adotadas naquele país, tais como operações secretas para desarticular governos, propagaram-se em todo continente durante as décadas seguintes⁴⁴. Entretanto o final da década de 50 ainda reservava muitas surpresas. Em janeiro de 1959, Fidel e Raul Castro junto ao argentino Ernesto Che Guevara e um grupo de guerrilheiros cubanos derrubaram a ditadura de Fulgencio Batista, apoiada pelo governo norte-americano. A Revolução Cubana apontava “o primado da ação, da vontade e das armas para o caminho da transformação social⁴⁵”. A guerrilha surge em um determinado momento que a violência contra o imperialismo é justificada como uma luta contra o capital explorador⁴⁶.

Em meados de 1961 os Estados Unidos quando viram a guerra fria esquentar em seu *backyard*. Em abril deste mesmo ano Fidel Castro formaliza a implantação do socialismo em Cuba e estabelece acordos com a União Soviética. A partir deste momento a política econômica estadunidense para seus vizinhos sofreu uma considerável mudança, principalmente quando explodia no continente uma série de movimentos revolucionários inspirados nos guerrilheiros cubanos.

⁴³ Ibidem. p.111.

⁴⁴ GRANDIN, Greg. *A Revolução Guatemalteca*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p.19.

⁴⁵ ARAUJO, Maria Paula. *Esquerdas, juventude e radicalidade na América Latina nos anos 1960 e 1970*. In ARAUJO, Maria Paula. FERREIRA, Marieta de Moraes. FICO, Carlos. QUADRAT, Samantha Viz. (orgs.) *Ditadura e Democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p.255.

⁴⁶ Ibidem, p.251.

Aliança para o Progresso e considerações finais

Preocupado em evitar novas revoluções socialistas principalmente em países de grande influência na América Latina como por exemplo o Brasil, em 13 de março de 1961 o presidente John Kennedy anuncia em recepção oferecida na Casa Branca ao Corpo Diplomático Latino-Americano, acrescido de funcionários do governo norte-americano e membros do Congresso dos Estados Unidos, um programa de ajuda econômica sem precedentes na história do continente. Este pretendia realizar um “enorme esforço de cooperação, sem paralelo em sua magnitude e na nobreza de seus propósitos a fim de satisfazer às necessidades fundamentais dos povos das Américas, as necessidades fundamentais de teto, trabalho e terra, saúde e escolas⁴⁷”. O programa ficou historicamente conhecido como Aliança para o Progresso. Em seu pronunciamento o presidente norte-americano conclama os povos da América a se unirem em torno de uma ação contra a presença comunista no continente, representada naquele momento por Cuba e seu modelo de revolução que poderia ser exportado para qualquer ponto do hemisfério. Os avanços tecnológicos e a indústria norte-americana permitiria aquele país combater a pobreza nos países vizinhos, que segundo alguns americanos, seria uma ótima fomentadora de revoluções.

O plano objetivava em dez anos transformar a realidade da América Latina, com investimentos maciços no combate à pobreza, analfabetismo, e toda sorte de problemas que ameaçasse a liberdade dos povos latinos⁴⁸. Mas, para que ocorresse o sucesso do programa seria necessário a cooperação dos países que fizessem o compromisso com a Aliança. Os Estados Unidos enviariam os recursos financeiros enquanto os governos que recebessem a verba seria responsável por aplicar o capital em projetos.

A Aliança surge em um determinado momento que o mundo caminha a beira de uma guerra total entre os Estados Unidos e a União Soviética. Na Europa a crise de Berlim com tanques americanos e soviéticos estacionados frente a frente esperando a ordem de ataque resultou na criação dos maiores símbolos da Guerra Fria. Em 13 de agosto de 1961 foi

⁴⁷ KENNEDY, John F. *Pensamento e ação do presidente Kennedy*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1962. p.50.

⁴⁸ Idem.

construído o Muro de Berlim fechando “a última fronteira indefinida entre Oriente e Ocidente na Europa⁴⁹”. Na América Latina o fracasso da invasão dos dissidentes cubanos a Bahia dos Porcos elevam as tensões entre as superpotências militares levando os Comunistas a declararem que qualquer agressão contra Cuba resultaria numa intervenção militar daquele país: “Khrushchev surpreendeu a todos quando declarou que qualquer agressão a Cuba poderia ser respondida militarmente pela União Soviética⁵⁰”.

Segundo Juan Carlos Portantiero a criação da Aliança surge como uma “possibilidade de resposta estratégica ao contágio da revolução cubana⁵¹”. Por fim, acreditamos os acontecimentos iniciados com a Revolução Cubana em 1959 contribuíram para que os Estados Unidos revissem suas políticas em relação os países do continente, embora reaproximação tinha um claro interesse em manter sua hegemonia imperialista entre os países latinos, mesmo que em determinados momentos não hesitassem em apoiar golpes militares e legitimar regimes que por anos violaram gravemente os direitos humanos em nome de uma “liberdade”.

⁴⁹ HOBBSAWM, Eric. Op. Cit. p.240.

⁵⁰ FICO, Carlos. Op. Cit. p.23-24.

⁵¹ PORTANTIERO, Juan Carlos. *O Marxismo latino-americano*. In HOBBSAWM, Eric J. [et al.]. *História do Marxismo: O Marxismo hoje (vol. XI)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p.345.

Referências

- ARAUJO, Maria Paula. *Esquerdas, juventude e radicalidade na América Latina nos anos 1960 e 1970*. In ARAUJO, Maria Paula. FERREIRA, Marieta de Moraes. FICO, Carlos. QUADRAT, Samantha Viz. (orgs.) *Ditadura e Democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: A construção da hegemonia*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Brasil-Estados Unidos: a rivalidade emergente (1950-1988)*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- _____. *Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de história)*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- FICO, Carlos. *O Grande Irmão. Da Operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- GRANDIN, Greg. *A Revolução Guatemalteca*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)*. 2ª Edição, 52º Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- KENNEDY, John F. *Pensamento e ação do presidente Kennedy*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1962.
- KENNEDY, Robert. *O desafio da América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1968.
- LENS, Sidney. *A fabricação do império americano - da Revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *A revolução socialista latino-americana*. In LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.
- PACHECO, Larissa Penelu Bitencourt. *O Projeto Colúmbia e os estudos de Rollie Poppino no interior da Bahia*. In. COELHO, Eurelino. PENELU, Larissa. *Lutas Sociais, intelectuais e poder: Problemas de História Social*. Feira de Santana: Editora da UEFS, 2012.
- PORTANTIERO, Juan Carlos. *O Marxismo latino-americano*. In HOBBSAWM, Eric J. [et al.]. *História do Marxismo: O Marxismo hoje (vol. XI)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- RÉMOND, René. *O Século XX: De 1914 aos nossos dias*. 11ª Edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.